

AGRESSIVIDADE DE CRIANÇAS INSERIDAS NO PROJETO NADAR, DE ACORDO COM GÊNERO, RAÇA, ATIVIDADES EM TEMPO LIVRE E COMPORTAMENTO DOS PAIS

Brunna Librelon Costa

Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Ronilson Ferreira Freitas

Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Gustavo Souza Santos

Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Vivianne Margareth Chaves Pereira Reis

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Betânia Maria Araújo Passos Ogando

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Josiane Santos Brant Rocha

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Resumo

A agressividade na infância instiga à busca pelas causas deste comportamento que prejudica o desenvolvimento saudável da criança. Objetivou-se analisar a agressividade de crianças incluídas projeto social de natação de acordo com atividades feitas em tempo livre, comportamento dos pais, gênero e raça. Trata-se de um estudo descritivo, onde 100 crianças de ambos os sexos e idades entre 7 e 12 anos foram avaliadas. Os resultados mostram maior agressividade familiar e geral em crianças agredidas fisicamente pelos pais e que os meninos são mais agressivos que as meninas no ambiente escolar significativamente ($p>0,05$). Recomenda-se trabalhos longitudinais com foco na relação pais/filhos para compreender o desenvolvimento da agressividade na infância e com amostras mais representativas para que esta conduta possa ser explorada em diferentes realidades.

Palavras-chave: Psicologia da Criança. Atividade Física. Crianças.

Introdução

Agressividade em crianças é considerada fator de risco para o seu desenvolvimento, visto que este comportamento é um indi-

cativo de problemas de conduta na vida adulta (MERCER; MCMILLEN; DEROSIER, 2009; SZELBRACIKOWSKI, 2009; LISBOA, 2005; GALLO; WILLIAMS, 2005). Os comportamentos agressivos são demonstrados por indivíduos que tentam controlar o seu ambiente seja através de ameaças e gritos como também por xingamentos (FARIZ; MIAS; MOURA, 2005). Maldonado e Williams (2005) destacam a importância de se compreender o contexto no qual crianças agressivas estão inseridas e que este comportamento é um indicador de problemas existenciais na vida destas crianças.

O ambiente escolar é um meio de socialização no qual as crianças passam grande parte do tempo diário. Neste contexto, o comportamento agressivo têm se tornado alvo de estudos por pesquisadores há mais de uma década (PEREIRA; PINTO, 1999; TULLOCH, 1995). A agressividade encontrada nas escolas é um problema ocorrente em todo o mundo (NETO; SAAVEDRA, 2004) e, no Brasil, a violência nas escolas tem prejudicado o desenvolvimento do sistema de educação (GUZZO, 2001). Exemplo disto foi um estudo que indicou que dificuldades linguísticas foram fortemente associadas à agressividade escolar entre alunos de segundas e terceiras séries, afetando o processo da aprendizagem (SISTO; FERNANDES, 2004).

O ambiente familiar também pode oferecer influência sobre o comportamento infantil, sobretudo no ambiente escolar, visto que a agressividade associada ao contexto familiar tem estreita relação com dificuldades de aprendizagem (ENSMINGER; KELLAM; RUBIN, 1983). É relevante o ressaltado de que os comportamentos agressivos assimilados em casa pelas crianças podem ser reproduzidos no ambiente escolar (JOLY; DIAS; MARINI, 2009). Em 1998, um estudo exploratório sobre violência doméstica realizado na cidade de Porto Alegre - RS verificou que, na sociedade, as punições físicas sofridas por crianças e adolescentes no ambiente familiar são aceitas e utilizadas como práticas disciplinares (MENEGHEL; GIULIANI; FALCETO, 1998). Com o passar dos anos, a violência doméstica foi apontada como causa do aparecimento de condutas agressivas em crianças que sofrem ou presenciam tal evento, como visto em um estudo que demonstrou que crianças expostas à violência doméstica possivelmente apresentarão expressivos problemas comportamentais e emocionais (WOLFE et al., 2003), corroborando com Bolsoni-Silva e Marturano (2002) e Cia, Williams e Aiello (2005), que identificaram a família

como grande influenciadora no desenvolvimento de habilidades e comportamentos no período da infância. Destaca-se ainda que alguns fatores como o relacionamento afetivo pobre, a prática de maus tratos físicos, a falta de estrutura familiar e a busca de afirmação de poder por parte dos pais através de explosões emocionais dentro do ambiente familiar podem favorecer o aparecimento da agressividade nas crianças (ESLEA; REES, 2001; NETO; SAAVEDRA, 2004;)

Em torno da temática da agressividade, alguns autores têm procurado aprofundar estudos em escolares de ensino fundamental, buscando avaliar a agressividade tanto em situação escolar, como em situação familiar (SISTO, 2005; SISTO; FERNANDES, 2004; BARBOSA et al., 2011; JOLY; DIAS; MARINI, 2009).

Diante do cenário envolto pelo comportamento agressivo, as atividades esportivas podem ser fortes aliadas contra o surgimento deste comportamento em crianças e adolescentes (AZEVEDO; BARROS, 2004), ao passo que, se vivenciada com regularidade, contribui para melhorar a qualidade de vida (BESTETTI, 1984; MONTEIRO et al., 2004), trazendo o prazer e o bem estar ao praticante e, principalmente, o crescimento e desenvolvimento integral (VELASCO, 1994). As organizações governamentais e privadas vêm reconhecendo o poder transformador do esporte, aumentando o número de projetos esportivos destinados à população jovem das classes populares, demonstrando o esporte como meio de inclusão social (VIANNA; LOVISOLO 2011). Neste sentido, o Projeto Nadar, da Universidade Estadual de Montes Claros – MG, tem como finalidade promover a inclusão social de crianças de baixa renda através da prática da natação, trazendo o desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo das crianças incluídas, as quais foram avaliadas pelo presente estudo.

Na literatura brasileira, são identificadas lacunas da correlação entre o comportamento agressivo em crianças inseridas em projetos sociais de acordo com atividades feitas em tempo livre, o comportamento dos pais, gênero e raça (SISTO, 2005; SISTO; BAZI, 1998; SISTO; FERNANDES, 2004; BARBOSA et al., 2011; JOLY; DIAS; MARINI, 2009).

Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar a agressividade de crianças inseridas no Projeto Nadar, da Universidade Estadual de Montes Claros, correlacionada às atividades feitas em tempo livre, o comportamento dos pais, gênero e raça.

Materiais e Métodos

Foi realizado um estudo descritivo, qualitativo/quantitativo de corte transversal (GIL, 2008). A população deste estudo foi composta de 100 crianças e adolescentes de 7 a 12 anos, sendo 48 meninas e 52 meninos inseridos no projeto de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros – MG, intitulado Projeto Nadar.

O instrumento utilizado foi a Escala de Agressividade para crianças e Jovens (SISTO; BAZI, 1998), que foi adaptado em alguns quesitos para atender às características da amostra. Esta escala fornece três tipos de medidas: agressividade em situação familiar, agressividade em situação escolar e uma medida de agressividade geral. O instrumento é composto de 16 afirmativas, das quais 8 se referem à situação escolar e outras 8 se referem à situação familiar, sendo que ambas tem pontuação de 0 (zero) a 8 (oito) pontos. A agressividade geral é avaliada através da soma dos valores encontrados na agressividade escolar e familiar, podendo chegar à pontuação de 16 (dezesesseis) pontos. Cada afirmativa da escala se refere à uma atitude agressiva e contém duas opções de resposta: Sim (1 ponto); Não (0 ponto nulo).

A aplicação do instrumento foi realizada nas dependências do projeto Nadar. Cada criança recebeu um exemplar da escala de agressividade e instruções verbais e visuais sobre como responder às perguntas. Cada alternativa foi lida em voz alta pelo aplicador da escala e foi dado tempo necessário para que cada criança respondesse à todas as perguntas tranquilamente.

Para caracterizar o universo amostral pesquisado, foi utilizada análise descritiva com média e desvio padrão. Para encontrar a diferença entre as variáveis independentes foi utilizado teste de Mann-Whitney e, para averiguar a existência de associação entre as variáveis categóricas, foi utilizado o teste Chi-Square. Em seguida, foi verificada a alocação de associação entre categorias através dos resíduos ajustados. Foi considerado como nível de significância, o valor de $p < 0,05$, estabelecido pelo pacote “statistical package for the social science” (SPSS) versão 14.0.

Resultados e Discussão

Após a tabulação dos dados coletados, observou-se a média de idade da amostra de 9,78 anos e desvio padrão de 2,08.

Tabela 1 – Diferença das medianas das duas variáveis analisadas em: Atividades em Tempo Livre, Comportamento dos Pais, Gênero e Raça quanto à Agressividade na Família, a Agressividade na Escola e Agressividade Geral.

Variáveis	Agressividade Familiar	Agressividade Escolar	Agressividade Geral
Atividade em Tempo Livre			
Atividade Física	49,34	51,01	50,08
Atividade Sedentária	52,85	49,47	51,35
Valor de U	1028,00	1071,50	1077,50
Comportamento dos pais			
Não Agrede	40,03	49,02	43,69
Fisicamente Agrede Fisicamente	62,79	52,24	58,49
Valor de U	676,50*	1162,00	874,50*
Gênero			
Feminino	55,75	43,64	49,52
Masculino	45,65	56,84	51,40
Valor de U	996,00	918,50*	1201,00
Raça			
Mestiça	50,87	51,37	50,78
Branca	47,50	43,45	48,27
Valor de U	456,50	412,00	465,00

* $p < 0,05$ – Nível de significância estatística; U – Valores de Mann-Whitney

Mediante os resultados apontados na tabela 1, no âmbito familiar há forte associação entre as crianças que sofrem agressões físicas dos pais e a sua agressividade. Crianças agredidas fisicamente pelos pais (62,79) são significativamente mais agressivas do que as crianças que não sofrem agressões (40,03) no ambiente familiar. Gardner, Powell e Grantham-McGregor (1998), corroboram com este dado pois verificaram que as crianças que mais participaram efetivamente de brigas e discussões com os membros da família e receberam mais punições físicas demonstraram níveis maiores de comportamentos agressivos. Cia, Williams e Aiello (2005) também apontam que filhos de pais com comportamentos hostis, agressivos, coercitivos e antissociais, manifestam maior índice de agressividade na família e na escola evidenciando, de fato, que o comportamento dos pais influencia no

aparecimento da agressividade dos seus filhos, visto que estes reproduzem atitudes do cenário vivenciado no ambiente doméstico. As crianças que não fazem atividades físicas em tempo livre, as de gênero feminino e as de raça mestiça foram mais agressivas no ambiente familiar, apesar dos valores não serem significativos.

Na escola, os meninos demonstraram ser significativamente mais agressivos (56,84) do que suas companheiras (43,64), fato averiguado também por Sisto e Fernandes (2004) e Leme (2004) em seus estudos. Fernandez (1992) estudou acerca do papel da agressividade na aprendizagem e apontou a importância dos impulsos agressivos no processo de transformação, incorporação e aquisição de conhecimento. Porém, os impulsos agressivos dos meninos no presente estudo estariam sendo mal utilizados, extrapolando os limites impostos previamente e prejudicando a aprendizagem.

Certamente, a escola é um ambiente no qual os meninos tem maior dificuldade em conter seus impulsos agressivos em relação às meninas. Já no ambiente familiar, os garotos demonstraram ter maior poder de controle sobre seus impulsos agressivos do que suas companheiras, visto que na família as meninas apontaram valores de agressividade maior, apesar de não serem significativos. Isto pode indicar que os garotos portam de maior submissão às autoridades do seu lar em relação às da sua escola, refletindo um temor maior aos pais do que aos professores devido à consciência de que receberão correções mais danosas dos seus genitores, que representam para eles, autoridades superiores às dos professores. Em parte, Lisboa e Koller (2001) participam deste argumento, afirmando que as crianças não apresentam a mesma agressividade que é vislumbrada nas suas relações com colegas e grupo de iguais, aos pais, familiares e professores. Apesar dos valores não serem significativos, os alunos que fazem atividades físicas no tempo livre, os que são agredidos fisicamente pelos pais e os que são de raça mestiça tiveram tendência a serem mais agressivos no ambiente escolar.

Na medida de agressividade geral, as crianças que sofrem agressões físicas dos pais (58,49) foram significativamente mais agressivas que as que não sofrem agressões (43,69). Esta realidade também foi vislumbrada em outro trabalho que verificou que os adolescentes que apresentaram comportamento agressivo na escola foram mais punidos em casa do que os não agressivos, tornando clara a associação entre agressividade e punição física (MENEGHEL; GIULIANI; FALCE-

TO, 1998). Desta forma, assim como os pais agredem verbal e fisicamente os seus filhos, estes fazem o mesmo aos seus próximos, porquanto têm convívio constante com tal realidade e, conseqüentemente, se familiarizam com esta forma de resolução de problemas. Assim, os caminhos para educar e disciplinar os filhos são primordiais para o seu desenvolvimento sadio visto que os pais são exemplos fortemente apreciados pelos filhos quando expressam sentimentos negativos de maneira indevida, moldando-os a imprimir comportamentos agressivos como gritar, socar, bater e espernear (BARBOSA et al., 2011).

Portanto, se por parte dos pais houver anseio de não contemplar condutas agressivas nos seus filhos, novos caminhos disciplinares devem ser assimilados por eles, partindo-se do princípio de admitir que a agressividade dispensada por eles no meio familiar será reproduzida pela prole em outros ambientes. Ainda na medida de agressividade geral, as crianças que não fazem atividades físicas no tempo livre, as do gênero masculino e as de raça mestiça foram mais agressivas, mas os valores para estas variáveis não foram significativos.

As crianças de raça mestiça mostraram tendência de agressividade maior que as de cor branca nas três medidas de agressividade. Este fato evidencia a necessidade de que novos trabalhos sejam desenvolvidos no que tange à esta variável, a fim de averiguar se uma amostra maior comprovaria significativamente esta tendência.

Tabela 2: Associação entre Comportamento dos Pais e Agressividade na Família.

Agressividade na família	Comportamento dos pais		χ^2
	Não bate no filho	Bate no filho	
	f (%) Res. Aj	f (%) Res. Aj	
Não bato nos meus irmãos para defender os meus direitos.	42(77,8%) 3,1	22 (47,8%)	
Bato nos meus irmãos para defender os meus direitos.	12 (22,2%)	24 (52,2%) 3,1	9,672*
Quando as pessoas da minha casa me xingam, não sinto raiva.	18(33,3%) 2,4	6 (13,0%)	
Quando as pessoas da minha casa me xingam, sinto raiva.	36 (66,7%)	40 (87,0%) 2,4	5,606*
Não gosto de ameaçar meus irmãos	52(96,3%) 2,3	38 (82,6%)	
Gosto de ameaçar meus irmãos	2 (3,7%)	8 (17,4%) 2,3	5,171*
Ao discutir com alguém da minha família, não acabo brigando.	42(77,8%) 2,7	24 (52,2%)	
Ao discutir com alguém da minha família, acabo brigando.	12 (22,2%)	22(47,8%) 2,7	7,257*
Não grito sempre com a minha mãe	52(96,3%) 2,3	38 (82,6%)	
Grito sempre com a minha mãe	2 (3,7%)	8 (17,4%) 2,3	5,171*

* $p < 0,05$ – Nível de significância estatística; f – Frequências observadas; % - Porcentagem; χ^2 - Chi-Square; Res. Aj – Resíduos ajustados

A tabela 2 apresenta valores significativos da correlação entre comportamento dos pais e o comportamento agressivo das crianças no ambiente familiar através da análise das questões da Escala de Agressividade (SISTO; BAZI, 1998). Considerando as crianças que sofrem agressões físicas dos pais, quanto mais este fato ocorre, mais as crianças batem nos seus irmãos (52,2%). As crianças que não apanham, batem menos nos irmãos (77,8%).

Percebe-se que o comportamento dos pais moldou os filhos a reutilizá-los nos seus relacionamentos com os irmãos, demonstrando que as crianças observam e absorvem dos pais os comportamentos direcionados a elas e não hesitam em aplicá-los com os seus próximos. Ao lado disso, dados corroboram parcialmente com esta realidade, onde os filhos são modelados a corresponder agressivamente aos pais quando estes reagem inadequadamente aos comportamentos impróprios dos filhos (BOLSONI-SILVA, PAIVA; BARBOSA, 2009). Ou-

tro estudo descreve que as crianças observam o uso da brutalidade dos pais para com elas e aprendem que agredir fisicamente não é errado (BAZI, 2003). O autor ainda afirma que fatores comportamentais dos pais como a rejeição parental, a negligência, a disciplina rígida e a crueldade em membros da família estão associados ao comportamento agressivo dos filhos, pois estes são influenciados pelos modelos que os pais oferecem e assim desenvolvem o mesmo comportamento. Participando da mesma idéia, Dessen e Polônia (2007) salientam que os filhos transferem o que é aprendido no meio familiar para outros contextos de socialização visto que os pais são os principais exemplos para a prole.

Dentre as crianças que apanham dos pais, 87,0% sentem raiva quando são xingadas por alguém família. No estudo de Joly, Dias e Marini (2009), esta questão na escala de agressividade de Sisto e Bazi (1998) está entre as mais pontuadas como vivenciadas. Nesta mesma questão, 66,7% das crianças que não sofrem agressões físicas dos pais também sentem raiva quando são xingadas. Isto pode se dar pela falta de destreza dos pais ao educar seus filhos, como a literatura afirma (BARBOSA et al., 2011), e que pode consequentemente dificultar o relacionamento intrafamiliar e estimular sentimentos de revolta nos filhos. Pode se inferir ainda que, quanto mais as crianças são agredidas pelos seus superiores, mais sentimentos de raiva elas vivenciarão.

Na questão acerca de gostar de ameaçar os irmãos, 82,6% das crianças que sofrem agressões dos pais não gosta de ameaçar seus irmãos. Já dentre as que não sofrem agressões físicas, 96,3% também não gosta de ameaçar seus irmãos. Visto que a maioria das crianças dos dois grupos não gosta de ameaçar os irmãos, mas afirmaram que batiam nos irmãos para defender seus direitos, é provável que, se os filhos copiam o comportamentos dos pais (BAZI, 2003) estes podem estar reproduzindo que os pais também não ameaçam os filhos antes de partir para a agressão física.

Os dados revelam que 52,2% das crianças que sofrem agressões dos pais não briga ao discutir com pessoas da família e 82,6% não grita sempre com a mãe. Entretanto, crianças que não são agredidas pelos seus pais também demonstraram em maioria não serem agressivas, apontando que, independentemente se há ou não agressão física por parte dos pais, os filhos não apresentarão comportamentos agressivos nas situações extraídas da escala de agressividade de Sisto e Bazi (1998).

Tabela 3: Associação entre Gênero e questões de Agressividade na Família

Agressividade na família	Gênero		χ^2
	Feminino	Masculino	
	f (%) Res. Aj	f (%) Res.	
Não bato em meus irmãos	26 (54,2%)	38(73,1%)	2,0
Bato em meus irmãos	22 (45,8%) 2,0	14 (26,9%)	3,874*
Não grito com meus familiares	31 (64,6%)	43(82,7%)	2,1
Grito com meus familiares	17 (35, 4%) 2,1	9 (17,3%)	4,254*
Não grito com a minha mãe	39 (81,3%)	51(98,1%)	2,8
Grito com a minha mãe	9 (18,8%) 2,8	1 (1,9%)	7,853*
Não quebro ou derrubo as coisas	35 (72,9%)	46(88,5%)	2,0
Quebro ou derrubo as coisas	13 (27,1%) 2,0	6 (11,5%)	3,919*

* $p < 0,05$ – Nível de significância estatística; f – Frequências observadas; % - Porcentagem; χ^2 - Chi-Square; Res. Aj – Resíduos ajustados

De acordo com o gênero, há uma tendência - não significativa, de meninas serem mais agressivas que meninos no ambiente familiar como descrito na Tabela 3. Nas questões: Bato nos meus irmãos para defender meus direitos; Quando meus familiares gritam comigo, também grito com eles; Grito sempre com a minha mãe e Quando eu fico com raiva, eu quebro ou derrubo as coisas, as meninas expuseram ser mais agressivas que os meninos embora ambos não serem considerados significativamente agressivos na família. Sisto e Fernandes (2004) reafirmam este fato explicitando que a diferença de valores na agressividade geral e familiar foi sutil entre meninos e meninas. Desta forma, sugere-se que os dois gêneros sabem controlar suas condutas agressivas no ambiente familiar, ainda que as meninas expressem menor submissão aos pais, como visto através das perguntas da escala analisadas.

Tabela 4: Associação entre Gênero e questões da Agressividade na Escola

Agressividade na escola	Gênero		χ^2
	Feminino	Masculino	
Gosto de obedecer às regras da professora	F (%) Res. Aj 31(64,4%) 2,4	f (%) Res. Aj 21 (40,4%)	5,856*
Não gosto de obedecer às regras da professora	17 (35,4%)	31 (59,6%) 2,4	
Não gosto de levar objetos de luta para a escola	48(100,0%) 3,0	43 (82,7%)	9,129*
Gosto de levar objetos de luta para a escola	0 (0%)	9 (17,3%) 3,0	

* $p < 0,05$ – Nível de significância estatística; f – Freqüências observadas; % - Porcentagem; χ^2 - Chi-Square; Res. Aj – Resíduos ajustados

De acordo com os dados da Tabela 4, é possível afirmar que a maioria dos meninos não gosta de obedecer às regras da professora (59,6%). Já as meninas demonstraram o contrário, sendo que 64,4% das mesmas gostam de obedecer às regras. Se para Barbosa et al., (2011) os exemplos que os pais apresentam são intensamente observados e repetidos pelos filhos, cabe inferir que crianças do sexo masculino, a começar pela semelhança de gêneros, podem estar repetindo na escola condutas assistidas em casa, nas quais o pai exerce a autoridade e dita as regras sobre a mãe.

Já na questão Gosto de levar objetos de luta para a escola, apesar de grande parte dos sexos não apresentar atração por tal gosto, os meninos foram mais agressivos (17%) que as meninas (0%). Isto pode se dar pela influencia da mídia sobre as crianças, como os filmes violentos, que pregam a resolução dos problemas através de embates físicos que utilizam de força e armas (GOMIDE, 2000). Em meninas, não foi observado aumento da agressividade ao verem filmes de luta e/ou combate (BANDURA; IÑESTA, 1975; TULLOCH, 1995; WIDOM, 1989). Portanto, em concordância com Joly, Dias e Marini (2009) e Barbosa et al., (2011), os meninos foram significativamente mais agressivos que as meninas no contexto educacional.

Conclusão

Buscou-se neste estudo, correlacionar a agressividade de crianças inseridas no Projeto Nadar com suas atividades em tempo livre, com-

portamento dos pais, gênero e raça. A partir dos dados estudados, observou-se que nem todas as variáveis ofereceram influência significativa no comportamento agressivo infantil. O comportamento dos pais demonstrou que os filhos agredidos fisicamente são mais agressivos no ambiente familiar e na medida de agressividade geral. Foi vista também uma tendência de que na escola, as crianças agredidas pelos pais seriam mais agressivas que as não agredidas, porém não foi significativa. O gênero influenciou significativamente nos níveis de agressividade escolar, sendo os meninos mais agressivos que as meninas.

A literatura científica brasileira tem demonstrado interesse pela temática da agressividade infantil buscando verificar o seu desenvolvimento nos ambientes familiar e escolar utilizando, à propósito, o mesmo instrumento de avaliação (JOLY; DIAS; MARINI, 2009; SISTO, 2005; SISTO; FERNANDES, 2004; SISTO; OLIVEIRA, 2007). Apesar das limitações do presente estudo, tal como o número da amostra e sua especificidade populacional, as elucidações apresentadas nesta investigação podem ser consideradas consistentes tendo em vista as suas equiparações com os resultados dos trabalhos paralelos estudados.

Recomendam-se estudos com populações variadas, a fim de comparar os níveis de agressividade de crianças incluídas em projetos sociais esportivos àquelas não inseridas para visualização dos efeitos do esporte no comportamento infantil. Reforça-se ainda a necessidade de se aprofundarem estudos com amostras maiores em quantidade e diversificação e métodos mais sofisticados para que se compreendam as tendências encontradas na correlação da agressividade familiar com a ausência de atividades físicas no tempo livre e o gênero feminino e, em especial, a raça mestiça, que apresentou índices de agressividade maior nas três avaliações de agressividade. Esta continuidade favorecerá o conhecimento dos fatores que podem estar participando ativamente da construção do comportamento agressivo infantil.

Abstract

Aggressiveness in childhood instigates the searching for the reasons of this behavior that harms a healthy development of a children. The objective was analyse the aggressiveness of children included in social project of swimming according to the activities done in free time, parents behavior, gender and race. It is a descriptive study where 100 children of both sexes and aged among 7 and 12 years old were evaluated. The results reveled higher familiar aggressiveness and general in chil-

dren physically aggressed by parents and that boys are more aggressive than girls in school environment significantly ($p>0,05$). It is recommended longitudinal work with focus in the relationship with parents and children to comprehend the development of the aggressiveness in childhood and with more representative samples in order to this behavior can be explored in different realities.

Keywords: Child Psychology. Motor Activity. Children.

Resumen

La agresividad en infancia instiga la búsqueda de las causas de este comportamiento que perjudica el desarrollo saludable del niño. Este estudio tuvo como objetivo analizar la agresividad de los niños incluidos proyectos sociales según las actividades de natación realizadas en el tiempo libre, el comportamiento de los padres, el género y la raza. Se trata de un estudio descriptivo, donde 100 niños de ambos sexos y de edades comprendidas entre los 7 y 12 años fueron evaluados. Los resultados muestran una mayor agresividad en los niños y la familia en general físicamente asaltado por sus padres y que los niños son más agresivos que las niñas en el entorno escolar significativamente ($p> 0,05$). Se recomienda estudios longitudinales centrados en las relaciones padres hijos a entender el desarrollo de la agresión en la infancia y con muestras más representativas de este comportamiento puede ser explotado en diferentes realidades.

Palabras clave: Psicología Infantil. Actividad Motora. Niños.

Referências

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Taguatinga, v. 12, n. 1, p. 77-84, jan./mar., 2004.

BANDURA, A.; IÑESTA, E. R. [1973]. **Modification de conducta:** Análisis de la agresión y la delincuencia. México: Trillas, 1975.

BAZI, G. A. do P. **As dificuldades de aprendizagem na escrita e suas relações com traços de personalidade e emoções.** 2003. 139 f. Tese (Doutorado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

BARBOSA, A. J. G. et al. Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 228-235, abr./jun., 2011.

BESTETTI, R. B.; SANTOS, J. E. Influencia do Exercício Físico aeróbico na prevenção da doença coronariana. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 333-336, ago., 1984.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, jul./dez., 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T.; PAIVA, M. M.; BARBOSA, C. G. Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 169-184, 2009.

CIA, F.; WILLIAMS, L. C. de A; AIELLO, A. L. R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: Revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v.9, n.2, p.225-233, dez., 2005.

DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 21-32, jan./abr., 2007.

ENSMINGER, M. E; KELLAM, S. G.; RUBIN, B. R. School and family origins of delinquency: comparisons by sex. In: DUSEN, K. T (Ed.). **Prospective Studies of Crime and Delinquency**. Hingham, EUA: Kluwer Academic Publishers Group, 1983. p. 73-97.

ESLEA, M.; REES, J. At what age are children most likely to be bullied at school?. **Aggressive Behavior**, v. 27, n. 6, p. 419-29, nov., 2001.

FARIZ, M.; MIAS, C.; MOURA, C. B. Comportamento agressivo e terapia cognitivo-comportamental na infância. Em: CABALLO, V. E.; SIMON, M. (Orgs.). **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos**. São Paulo: Santos Editora, 2005. p. 57-79.

FERNANDEZ, A. Agressividade. Qual o teu papel na aprendizagem? In: JORNADA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, 2., 1992. Porto Alegre. **Anais...** Tradução de Elaine Tavares. Porto Alegre: [s. n.], 1992. Apostila mimeografada.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. A. Adolescentes em conflitos com a lei: Uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 81-95, 2005.

GARDNER, J. M. M.; POWELL, C. A.; GRANTHAM-MCGREGOR, S. M. A case-control study of aggressive and pro-social Jamaican school boys. **Scientific Metting**, v. 43, p. 22-25, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMIDE, P. I. C. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 127-141, 2000.

GUZZO, R. S. L. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: Desafios do novo milênio para a Psicologia escolar. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.), **Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida**. Campinas: Alínea, 2001. p. 25-42.

JOLY, M. C. R. A.; DIAS, A. S.; MARINI, J. A. S. Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. **Psico-USF**, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 83-93, jan./abril, 2009.

LEME, M. I. S. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 367-380, 2004.

LISBOA, C. S. de M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. 2005. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia)—Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, RS, 2005.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Construção da validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 59- 69, jan./jun., 2001.

MALDONADO D. P. A.; WILLIAMS L. C. A. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez., 2005.

MENEGHEL, S. N.; GIUGLIAN, E. J.; FALCETO, O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 327-335, abr./jun., 1998.

MERCER, S. H.; MCMILLEN, J. S.; DEROSIER, M. E. Predicting change in children's aggression and victimization using classroom-level descriptive norms of aggression and pro-social behavior. **Journal of school psychology**, v. 47, n. 4, p. 267-289, ago., 2009.

MONTEIRO, N. et al. Efeitos de um programa de atividade física regular sobre os níveis séricos basais de IGF – 1 em idosos. **Fitness & Performance Journal**, v. 3, n. 3, p.130-135, 2004.

NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

PEREIRA, B., PINTO, A. Dinamizar a Escola Para Prevenir a Violência Entre Pares. **Sonhar**, v. 6, n. 1, p. 19-33, maio/ago., 1999.

SISTO, F. F. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 117-125, jun./abr., 2005.

SISTO, F. F.; BAZI, G. A. P. **Escala de Agressividade para crianças e jovens**. Campinas: UNICAMP, 1998.

SISTO F. F.; FERNANDES D. C. Dificuldades Linguísticas na aquisição da escrita e agressividade. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 75-84, jun., 2004.

SISTO, F. F.; OLIVEIRA, A. F. Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade. **Psic**, São Paulo, v.8, n. 1, 89-99, jun., 2007.

SZELBRACIKOWSKI, A. C. **Um estudo sobre crianças pré-escolares socialmente competentes e crianças pré-escolares com comportamentos exteriorizados no contexto familiar**. 2009. 163 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)–Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

TULLOCH, M. I. Evaluating aggression: School students' responses to television portrayals of institutionalized violence. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 24, p. 95-115, 1995.

VELASCO, C. G. **Natação Segundo a Psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.285-96, abr./jun., 2011.

WIDOM, C. S. Does violence beget violence? A critical examination of literature. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 106, n. 1, p. 3-28, jul., 1989.

WOLFE, D. A. et al. The effects of children's exposure to domestic violence: A meta-analysis and critique. **Clinical Child & Family Psychology Review**, Nova York, v. 6, n. 3, p.171-187, set., 2003.

.....
Recebido em: 12/12/2012

Revisado em: 17/06/2013

Aprovado em: 29/08/2013

Endereço para correspondência

josianenat@yahoo.com.br

Josiane Santos Brant Rocha

Universidade Estadual de Montes Claros, Faculdade de Educação Física,
Unimontes.

Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro, S/N

Vila Mauricéia

39401-089 - Montes Claros, MG - Brasil - Caixa-postal: 126